

Medicinas Tradicionais no Vale do Rio Negro (Amazonas, Brasil). Observações sobre Etnofarmacologia e o Uso da Planta Saracura-Mirá (*Ampelozizyphus amazonicus*): Atividade Farmacológica e/ou Eficácia Simbólica
Traditional Medicines in the Rio Negro Valley (Amazonas state, Brazil). Observations on the Ethnopharmacology and the Use of the Plant Saracura-Mirá (*Ampelozizyphus amazonicus*): Pharmacological Activity and/or Symbolic Efficacy

Antônio Maria de Souza Santos¹

Claudia C. Kahwage²

Mária Regina Coelho Ferreira³

Nilton Alvarez Sampaio⁴

Resumo: No Vale do Rio Negro (Amazonas, Brasil), o sistema local de saúde se caracteriza por um "pluralismo médico", coexistindo procedimentos terapêuticos heterogêneos, entre eles a fitoterapia. Destacamos o uso da planta saracura-mirá (*Ampelozizyphus amazonicus*), como estimulante energético. É de uso tradicional entre índios e "caboclos" da região do Rio Negro. Verificamos os fatores intervenientes no processo de cura com a utilização dessa planta (mito, rito, forma, tempo), caracterizando, assim, não só o princípio ativo, mas, especialmente, a eficácia simbólica.

Palavras-Chave: Medicinas tradicionais. Vale do Rio Negro. Saracura-Mirá. Eficácia simbólica. Etnofarmacologia.

Abstract: In the Rio Negro river valley in the state of Amazonas, Brazil, local health systems are characterized by a "medical pluralism", exhibiting a coexistence and heterogeneity of therapies. Among these, phytotherapy practices are encountered. This article explores the use of saracura mirá (*Ampelozizyphus amazonicus*), as a stimulant and energizer. This plant is traditionally used among indigenous peoples and caboclos in the Rio Negro region. As such, intervening factors in the healing processes encountered in the use of saracura-mirá will be examined (in myth, ritual, form, and periodicity). Thus, its symbolic effects will also be evaluated in addition to its active ingredients.

Key Words: Traditional medicine. Rio Negro valley. Saracura-Mirá. Symbolic efficiency. Ethnopharmacology.

¹ MPEG-Museu Paraense Emílio Goeldi. Mestre em Antropologia Social. (sanctus@museu-goeldi.br)

² MPEG-Museu Paraense Emílio Goeldi. Bióloga/Antropóloga, mestre em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável.

³ MPEG-Museu Paraense Emílio Goeldi. Doutora em Ciências Biológicas. (mcoelho@museu-goeldi.br)

⁴ UEPA-Universidade do Estado do Pará. Biomédico, mestrando em Psicobiologia.



INTRODUÇÃO

Nesse ensaio propomos tecer considerações iniciais (dentro de nossa proposta) sobre as medicinas tradicionais e etnofarmacologia no Vale do Rio Negro, considerações estas, fruto de observações feitas através da execução dos projetos "Xamanismo e Concepção da Natureza na Amazônia Ocidental" e "Revisitando a Amazônia de Carlos Chagas: da Borracha à Biodiversidade", ambos com a participação do pesquisador Antônio Maria de Souza Santos. Iniciado em 1994, o primeiro projeto vem sendo desenvolvido por pesquisadores brasileiros e japoneses, com apoio do Museu Paraense Emílio Goeldi e do National Museum of Ethnology (Japão), em fase de conclusão pela parte brasileira. O segundo foi promovido pela Fundação Oswaldo Cruz-Casa de Oswaldo Cruz, sendo a expedição dos rios Negro e Branco realizada em 1995, com a participação de pesquisadores da Fiocruz e várias instituições de pesquisa da Amazônia, quando foi feito o percurso da viagem do médico e pesquisador Carlos Chagas em 1913 (Fiocruz, 1991, 1996). As observações aqui em foco abrangem todo o Vale do Rio Negro (municípios de São Gabriel da Cachoeira, Santa Isabel, Barcelos, Novo Airão), incluindo não apenas as sedes municipais como também vários povoados ribeirinhos.

Nos projetos acima referidos, foram abordados vários subtemas, sob a responsabilidade dos pesquisadores participantes. A presente comunicação é uma elaboração dos autores dentro dos contornos das medicinas tradicionais como soma dos conhecimentos, explicáveis ou não, usados para diagnóstico, prevenção e cura de transtornos físicos, mentais e sociais, baseados, exclusivamente, na experiência e na observação e transmitidos, verbalmente ou por escrito, de uma geração à outra. Imbricados nas medicinas tradicionais estão os recursos naturais de origem vegetal, animal e mineral, bem como os conhecimentos sobre esses, utilizados por uma nação ou povo na prevenção e cura dos problemas de saúde. As plantas medicinais

despertam particular importância pela sua ampla utilização e por estarem na essência das medicinas tradicionais.

Os dados aqui apresentados foram obtidos através do convívio com as comunidades visitadas e, de forma mais controlada, através da aplicação de 106 questionários distribuídos ao longo de todo o Vale por ocasião da Expedição "Revisitando", cujas entrevistas foram realizadas por todos os membros da equipe, com a seguinte distribuição por municípios: Barcelos 35%; São Gabriel da Cachoeira 25%; Santa Isabel 25% e Novo Airão 15%.

As abordagens analíticas, que a seguir apresentaremos, não pretendem responder a questões específicas no campo botânico ou da fitoterapia, mas sim apresentar alguns elementos destes campos presentes nas medicinas tradicionais, dentro de um contexto socioespacial específico, que é o Vale do Rio Negro – AM. Entendemos que os estudos realizados sobre a fitoterapia tradicional, de uma maneira geral, não evidenciam os fatores simbólicos que estão inseridos no processo de cura. Dessa forma, uma das propostas de nossa abordagem é trazer à tona e explicitar a importância de alguns elementos de cunho simbólico que estão expressos, mas não óbvios, nas atividades dos processos fitoterápicos das medicinas tradicionais nessa região. Adotamos como paradigma dessa análise transdisciplinar o uso da saracura-mirá, uma das plantas mais utilizadas no rio Negro (conforme levantamento feito em campo, 1995), olhando-a não apenas pelo lado orgânico, mas, principalmente, pelo âmbito da eficácia simbólica.

Assim sendo, apresentamos, inicialmente, uma visão panorâmica sobre o Vale do Rio Negro; em seguida, abordamos os recursos da medicina ocidental e as medicinas tradicionais nesta região; detemo-nos sobre a fitoterapia local; e, finalmente, analisamos o uso da planta saracura-mirá: eficácia orgânica e/ou eficácia simbólica, alguns aspectos fitoquímicos e farmacológicos, fatores intervenientes nos processos de cura (mito e o rito, forma, tempo); considerações finais.



O Vale do Rio Negro

O rio Negro, com suas nascentes no planalto colombiano, onde recebe a denominação de Guainía, percorre em território brasileiro a parte Noroeste do estado do Amazonas, indo desembocar na margem esquerda do rio Solimões, às proximidades da cidade de Manaus, perfazendo um total de 1.700 km de extensão.

Desde meados do século XVII a região do rio Negro começou a ser alcançada pela ação colonial-expansionista lusa, o que provocou, ao longo do tempo, o desaparecimento de vários grupos indígenas, como Baré, Passé, Manao, Tarumá etc. De modo especial no baixo e médio rio Negro, os processos de depopulação, miscigenação e integração foram mais intensos, enquanto que no alto, apesar de todas as compulsões sofridas, percebe-se um certo insulamento cultural dos vários grupos indígenas distribuídos ao longo dos rios e nas matas, como que amparados pelas cachoeiras e corredeiras e pelas cíclicas secas dos cursos d'água, quando seus leitos diminuem de nível, obstando a navegação, mesmo em embarcações leves, criando, assim, áreas de refúgio.

O alto rio Negro, localizado na Área Cultural Norte-Amazônica (GALVÃO, 1960), representa uma grande província etnográfica (cerca de 15.000 indígenas), composta de vários grupos tribais (Tukano, Dessano, Tariano, Maku...) que formam um verdadeiro emaranhado cultural, com várias formas de contato intertribal e interétnico. Enquanto que no médio e baixo Negro percebe-se uma maior miscigenação da população.

Desde o início do século XX, a Congregação Salesiana passou a atuar no Vale do Rio Negro, deflagrando um processo sistemático de aculturação dos grupos indígenas, tornando-se a instituição de maior influência na região.

Nos centros missionários, foram construídos grandes colégios de alvenaria, que durante décadas funcionaram como internatos (masculino e feminino): São Gabriel, 1914; Barcelos, 1916;

Taracua, 1925; Yauareté, 1929; Pa ri-Cachoeira, 1942; Tapuruquara (Santa Isabel), 1946; Içana, 1955; Cauboris, 1967. A educação formal nestes centros e nas escolinhas dos povoados constitui o principal veículo de ação salesiana na região. Ao lado da educação, a saúde também ocuparia seu espaço na atuação dos missionários com a construção de hospitais e os serviços prestados por determinados religiosos (padres e freiras) e agentes de saúde, que muitas vezes eram os mesmos professores ou catequistas, coexistindo, é claro, com a forte presença das medicinas tradicionais indígenas, onde o xamanismo tem papel preponderante.

As atividades extrativistas tradicionais (borracha, cipó, piaçava, peixes ornamentais etc.) constituem parte integrante das relações socioeconômicas do Vale do Rio Negro, atravessando todas as épocas. Mais recentemente, o extrativismo mineral (garimpo de ouro), praticado por frentes migratórias, vem acarretando desequilíbrios ecológicos e ocasionando novas alterações no perfil epidemiológico local. Conforme observa Buchillet (1994):

"...as epidemias podem surgir, dependendo da alteração de variáveis sociais e ambientais (concentração importante de indivíduos não imunizados, reintrodução de agentes patogênicos, deterioração do ambiente favorecendo os contatos entre hospedeiro, vetores e agentes patogênicos etc.) que aumenta a receptividade de uma população à determinada doença".

A partir da década de 70, o alto rio Negro sofreu algumas influências dos programas oficiais de desenvolvimento dos governos militares. Houve um início de execução de um plano rodoviário que não prosperou, mas abriu caminho para outras iniciativas governamentais, como a implantação de agências bancárias, serviços de comunicação, abertura e melhoria de aeroportos etc. De outra feita, o Exército passou a marcar maior presença na área, inclusive com o estabelecimento de infra-estruturas.

Dentre as sedes municipais do Vale do Rio Negro, a cidade de São Gabriel da Cachoeira (antiga

Uaupés), originária de um forte construído em 1760, é o núcleo populacional de maior expressão. Com cerca de 5.000 habitantes (população em parte flutuante), São Gabriel constitui um *locus* onde estão representadas as várias etnias daquela área, dentro de um processo de urbanização recente (SOUZA SANTOS, 1984).

RECURSOS DA MEDICINA OCIDENTAL E AS MEDICINAS TRADICIONAIS

No Vale do Rio Negro, o “*sistema local de saúde*” é caracterizado por um “*pluralismo médico*”, coexistindo procedimentos terapêuticos heterogêneos. De um lado a medicina ocidental, representada pelos hospitais que se encontram nas sedes municipais, os profissionais de saúde que ali atuam e, secundariamente, pelos postos de saúde, ex-Sucam (Superintendência de Erradicação da Malária), Funai (Fundação Nacional do Índio), Exército e Missões Salesianas. De outro lado, as medicinas tradicionais representadas pelo xamanismo, herbalismo, cultos dos santos e, sobretudo, pelos rezadores (versão local dos xamãs indígenas).

Quando os habitantes dessa região falam de saúde no passado, têm na memória a assistência médica oferecida pelos missionários salesianos (padres, freiras e coadjutores). Além de fazerem alusão a um sistema tradicional de cura (plantas/xamanismo), as pessoas dessas comunidades referem-se à falta de assistência médica oficial (que não existia), onde a única alternativa era recorrer ao pajé, figura essencial para a assistência à saúde no passado. Relatam que as doenças do passado eram “*doenças comuns*” (gripe, diarreia, verminose...) e que embora “*morresse muita gente*” por causa delas, “*nessa época os tempos eram melhores, pois não havia doenças complicadas*” (DST, câncer, tuberculose, diabetes, parto complicado...). Nota-se, através do depoimento das pessoas, que o pajé perde gradualmente parte de sua “*influência*” e de seu “*poder*” frente a essas “*novas doenças*”

(complicadas), já que os recursos terapêuticos tradicionais não são suficientemente eficazes para o seu tratamento e cura.

Atualmente, apesar da precariedade do sistema oficial de saúde, avaliam que houve uma melhoria da situação da saúde, pois o tratamento das doenças referidas como “*comuns*” passou a ser mais eficaz. A assistência médica oficial é muitas vezes reificada pela figura do médico e do hospital, que passam a fazer parte integrante de um sistema de saúde diferenciado do passado, instaurando-se, assim, um novo paradigma de saúde/doença, criando-se expectativas e demandas em relação aos sistemas oficiais de saúde, principalmente quanto as já mencionadas “*doenças complicadas*”. Dada a essa precariedade (falta de infra-estrutura, de recursos humanos etc.) e à permanência das tradições culturais, as populações redefinem, reelaboram e reordenam o sistema de saúde – “*pluralismo médico*” – nas ações do dia-a-dia.

As populações procuram, assim, aplicar seus conhecimentos à nova realidade. Há, em crescente proporção, alternativas de tratamento às “*doenças complicadas*”. O conhecimento “*fitoterápico*” vai sendo direcionado para tratar doenças como malária, que vem recrudescendo nos últimos tempos, não apenas nessa região como em toda a Amazônia, devido, principalmente, aos desmatamentos, garimpos e migrações. Esse acervo terapêutico continua a ser utilizado freqüente e eficazmente no tratamento das doenças mencionadas como “*comuns*”, sendo essa situação, na grande maioria dos casos, claramente notória nas comunidades que não têm acesso imediato ao sistema de saúde oficial.

O “*pluralismo médico*”, redefinido nessa região, dá espaço a uma diversidade de atores sociais: médicos, agentes de saúde, rezadores, curandeiros, benzedeira etc., que se articulam, inter-relacionam-se em diferentes locais e exercem diferentes papéis, práticas terapêuticas diversas, tratando e prevenindo os males da população.



A fitoterapia local

Neste trabalho, a fitoterapia é considerada simplesmente como a utilização do acervo vegetal no tratamento e cura das enfermidades em geral⁵. É parte essencial das medicinas tradicionais, que utilizam procedimentos próprios e especializados, no sentido de melhor aproveitar o potencial medicinal das plantas.

Os recursos naturais vegetais são, então, tradicionalmente utilizados, passando a integrar o acervo cultural da população, assim como os procedimentos necessários para utilização e transformações dos mesmos. A incorporação desses recursos naturais ao cultural dá margem ao aparecimento de sistemas simbólicos que ordenam e dão validade à eficácia terapêutica vegetal. Assim, a fitoterapia, como parte integrante da cultura, é peculiar ao contexto social e ecológico de cada região.

No rio Negro a fitoterapia é usada em larga escala, tanto nas sedes municipais como nas comunidades ribeirinhas. A pesquisa de campo, realizada quando da Expedição *Revisitando a Amazônia de Carlos Chagas*, revelou um grande arsenal de plantas medicinais, sendo que 58 foram coletadas e, posteriormente, identificadas na Coordenação de Botânica do Museu Paraense Emílio Goeldi, pelo botânico Antônio Sérgio Silva. A lista de espécies levantadas com seus respectivos usos encontra-se no relatório de viagem da Expedição *Revisitando a Amazônia de Carlos Chagas* (1996).

Do total, 31 foram identificadas especificamente, 19 até gênero e 8 em nível de família. Distribuem-se em 30 famílias botânicas, entre as quais se

destacam: Lamiaceae (8 sp.), Asteraceae (5 sp.), Euphorbiaceae (4 sp.), Rutaceae e Verbenaceae (3 sp.). Tratam-se de famílias de grande expressão no âmbito da medicina tradicional amazônica (BERG, 1993) e que, nos últimos 50 anos, vêm sendo freqüentemente estudadas por farmacólogos (SOUZA BRITO, 1993).

De um lado, são utilizadas plantas próprias da região, muitas concebidas como símbolos culturais, com suas formas de administração e seus modos de uso relacionados aos diversos fatores que vão contribuir para o processo ritual (TURNER, 1974) de cura, que a planta como símbolo enseja, reorganizando a ordem natural perturbada e interrompida pela doença. É importante relatar que as populações tradicionais, principalmente as indígenas, têm uma concepção causalística abrangente de doença.⁶

Além das plantas empregadas medicinalmente *in natura*, sob as formas de chá, infusão, cataplasmas, garrafadas e lambedores, verificou-se na cidade de Barcelos a existência de uma farmácia caseira-comunitária, funcionando em uma sala cedida pela paróquia do município. Nela, 25 mulheres – as *bruxinhas de Deus*, integrantes da Pastoral da Saúde, atuam em regime de revezamento na manipulação de fórmulas simples, transformando as plantas e seus saberes tradicionais no que elas denominam de *remédios caseiros*.

O processo de manipulação adequa-se às condições materiais de que dispõem, seguindo, no entanto, regras básicas. O material vegetal empregado – folhas, raízes e cascas – é colhido e lavado para retirar as impurezas que porventura estejam aderidas. Em seguida é exposto ao vento para a

⁵ No contexto da medicina ocidental, a fitoterapia é uma terapêutica caracterizada pela utilização de plantas medicinais comprovadamente ativas ou de derivados vegetais (extratos, tinturas, óleos, ceras etc).

⁶ "... a aparição da doença, assim como advento de um infortúnio, individual ou coletivo, que não constituem categorias separadas do ponto de vista da causalidade, inscrevem-se num dispositivo de explicação que remete ao conjunto de representações do homem, de suas atividades em sociedade e de seu meio natural" (BUCHILLET, 1991).

secagem, sendo pendurado em varais estirados pela sala. Quando seco, acondicionado em lustres, dispostos sobre o balcão com bocal voltado para cima, e apoiados em uma espécie de suporte feito com bolas de gude coladas. A partir desse material estocado, manipulam tinturas, formas básicas a serem indicadas como tal ou utilizadas na preparação de pomadas, xaropes e elixires.

Segundo Dona Maria do Carmo Tavares Brito, uma das "bruxinhas, além de terem fartura de plantas medicinais, existem na comunidade pessoas dispostas a trabalhar pela saúde.

"... os remédios são baratos, mas quando o doente não pode pagar, a gente dá de graça. Só pede que na próxima vez ele traga alguma coisa pra trocar, como vidros vazios, mel ou plantas que pegam na mata. Nosso objetivo não é comercial, é pastoral! Todo dinheiro que recolhemos é usado na compra de material para a farmácia", explica ela.

O cultivo de espécies introduzidas tem, incessantemente, enriquecido o acervo local. Nos dias de hoje, percebe-se a dinamização desse processo, proporcionada pelo contato com outros movimentos comunitários atuantes na Atenção Primária à Saúde, em suas respectivas comunidades. Desta maneira, as *bruxinhas*, ao diversificarem os recursos e ao transformarem seus remédios caseiros em *medicamentos*, estão, tentando se integrar em um novo contexto histórico, adaptar seus conhecimentos a esta nova realidade que se impõe. Essas práticas vêm sendo valorizadas e incentivadas pela OMS, a fim de suprir as necessidades básicas dessas populações (AKERELE, 1991). O trabalho desenvolvido em Barcelos, ao lançar mão de conhecimento tradicional e ocidental, cria, então, uma forma alternativa de convivência e de fusão desses dois saberes em benefício da saúde de seus habitantes.

A Tabela 1 apresenta alguns produtos encontrados na *farmácia caseira-comunitária* de Barcelos e suas respectivas indicações.

Tabela 1. Produtos comercializados na farmácia caseira comunitária de Barcelos

Produto	Indicação
TINTURAS	
Abacateiro	Pressão alta, reumatismo e rins
Alho	Reumatismo e inflamações
Angico	Fortificante e anti-inflamatório
Carapanaúba	Febre, limpar o sangue e reumatismo
Cipó-d'alho	Reumatismo e infeções
Corama	Pulmão e rins
Couve	Alcoolismo
Erva de Passarinho	Asma, pneumonia, arteriosclerose, pressão baixa e menopausa
Erva-silvina	Memória e epilepsia
Malvarisco	Gripe, tosse e inflamação da garganta
Maracujá	Calmante e dores no nervo
Mulungá	Calmante
Quebra-Pedra	Rins e dores
Quina	Febre e diabetes
Sucuúba	Febre, reumatismo, gastrite, cicatrizante dos ossos
POMADAS	
Caminex	Massagens, reumatismo e dores musculares
Confrey	Problema de pele e feridas difíceis
Forte	Feridas velhas e infeccionadas, pisaduras de prego

FONTE: Informações reproduzidas a partir da Cartilha das "Bruxinhas de Deus" (Barcelos. AM).

SARACURA-MIRÁ: EFICÁCIA ORGÂNICA E/OU EFICÁCIA SIMBÓLICA

Dentre as várias plantas coletadas, já mencionadas anteriormente, destacamos a saracura-mirá (Figura 1), pelo seu amplo uso e difusão em todas as localidades visitadas na região do rio Negro. Trata-se de uma planta estimulante, energética, "que aumenta a resistência", além de apresentar outras propriedades, conforme veremos mais adiante. É de uso tradicional entre os índios e caboclos da região do rio Negro e também em outras áreas da Amazônia, incluindo alguns centros urbanos. Além de saracura-mirá, seu nome mais divulgado, esta-liana ou arbusto



escandente é, também, denominada *saracura-muirá*, *cerveja do mato*, *cerveja de índio*, *cervejeira*, *cervejinha* e *curupira mirá*.



Figura 1 - *Ampelozizyphus amazonicus* Ducke (RHAMNACEAE)
Fonte: A. Ducke. 1935. Plantes nouvelles ou peu connues de la région amazonienne. Arch. serv. Biol. Vegetal. 2(2): 157-8

Considerando-se que o uso dessa planta está sempre associado ao bem-estar e depuração do corpo, consideramos importante abordar, além da atividade farmacológica de seus constituintes químicos, o seu contexto simbólico que atua como "*propriedade indutora*", unindo mito, xamanismo e planta.

Em 1993, os pesquisadores Antônio Maria de Souza Santos, Nilton Alvarez Sampaio e Ideo Takei tiveram contato direto com essa planta nos arredores de São Gabriel da Cachoeira -rio Negro. Após longa caminhada pela mata, através da orientação de dois indígenas do grupo Tukano, a planta foi coletada e, em seguida, preparada a mistura da entrecasca das raízes e caule na água. Porções dessa bebida foram ingeridas por todos, que a partir daquele momento passaram a sentir-se restabelecidos do cansaço, da fadiga e da fome. Naquela ocasião, os pesquisadores tomaram conhecimento do amplo uso da mistura,

não apenas por índios e caboclos da região, mas também por garimpeiros compelidos a demoradas andanças pela floresta, militares em treinamento na selva e, ainda, moradores urbanos da sede do município de São Gabriel da Cachoeira.

Seu uso mais difundido é sem dúvida como energético, bebendo-se da mistura antes de trabalhos pesados, como nos piaçabais, ou apenas para conseguir disposição para o trabalho. Diz-se que o corpo, estando fraco ou intoxicado, restabelece-se com a saracura-mirá. Por exemplo, em casos de mal-estar por abuso de álcool ou alimentos gordurosos, faz-se uso do preparado. Sua propriedade energética está ligada, também, na utilização pelos doentes com malária, visto objetivar não a cura propriamente dita, mas o restabelecimento da energia. É possível que essa relação esteja presente, de alguma forma, nas outras indicações citadas pelos usuários do rio Negro: reumatismo, fígado, afrodisíaco, "*ferida brava*", "*pereba*", DST, pneumonia, "*toda dor*", verminose, coceira, diabete, diarreia e inflamação.

O estudo de Coelho- Ferreira (1992) sobre as plantas medicinais comercializadas e usadas, em Manaus, mostra que além de ser prescrita contra malária e problemas hepáticos, saracura-mirá é reputada no combate à insônia.

No segundo semestre de 1995, durante a realização da expedição *Revisitando*, que percorreu todo o Vale do Rio Negro, os dezoito pesquisadores obtiveram informações sobre o uso desta planta em todas as localidades visitadas, verificando-se por unanimidade o amplo uso da mesma em todo Vale.

Percebe-se que a saracura-mirá faz parte do acervo terapêutico/cultural das comunidades do Vale do Rio Negro, sendo seu uso ligado a uma tradição que vem sendo transmitida de geração em geração, redefinindo-se ao longo do tempo. O índio Tukano Anacleto, 46 anos, de São Gabriel da Cachoeira, informa que o conhecimento da saracura-mirá é

milenar, "desde os tempos antigos". O Senhor Raimundo Golçalves Martins, 26 anos, morador de Barcelos, refere conhecer a planta "desde o tempo que eu me entendi", através dos pais. O Senhor Irineu Pereira da Silva, 72 anos, rezador em Novo Airão, diz ter recebido um livro de seu pai no qual consta a indicação da saracura-mirá, desde muitos anos, para fortalecer o corpo.

Entretanto, informações sobre as propriedades terapêuticas desta planta não se limitam à região amazônica. A saracura-mirá, juntamente com outras 6 plantas, é citada como uma das espécies vegetais de uso medicinal no *Manual de Sobrevivência na Selva*, de Cícero Feliciano de Pontes, editado em 1993 pelo IBGE (RJ). Nesse manual, destaca-se a sua função de "protetor hepático", trazendo como dado adicional o fato de ser "narcótica quando ingerida em grande quantidade".

Amostras da planta foram trazidas para Belém do Pará, em 1993, pelos pesquisadores referidos anteriormente, que a tinham conhecido em São Gabriel da Cachoeira. Em Belém, o fato mereceu uma ampla reportagem escrita por Manuel Dutra no jornal de maior circulação no Pará - O Liberal - em sua edição de 21.11.93, com o título: "Saracura-Mirá a Planta Eficaz".

A matéria ocupou um espaço nobre no jornal: primeira página no caderno Dia-a-Dia, num domingo, com uma ampla fotografia colorida de um nativo mostrando a planta e uma outra foto menor do pesquisador Antônio Maria de Souza Santos "experimentando a bebida milagrosa". O teor do texto é claramente de grande valorização do poder energético da planta, como se pode constatar já no início da reportagem: "Espumosa como cerveja, amarga que nem chimarrão, adocicada quando chega à boca. Seus efeitos? Imediatos, fim da fadiga, tristeza vai embora, disposição para o trabalho, forças redobram. A cabeça fica no lugar, raciocínio é perfeito. Não é alucinógena nem tóxica. Eis aí o que parece a poção mágica da felicidade.

Não é chá, nem vinho, nem nada do gênero. É a saracura-mirá, coisa que os índios do alto rio Negro usam há milênios, os caboclos há 200 anos e os garimpeiros e militares da fronteira degustam, embevecidos, há década e meia".

No mesmo texto, os efeitos da saracura-mirá são comparados aos do *ginseng oriental* e do *guaraná amazônico*. É referido, ainda, o fato de existirem plantas macho e fêmea, diferença que se pode perceber pela sinuosidade do caule. É, também, ressaltado que os próprios pesquisadores "beberam da poção e caminharam três horas e meia na mata, sem qualquer cansaço e ainda de muito bom humor, sentindo apenas efeitos positivos". Essa reportagem teve ampla repercussão não apenas nesta capital, como em outros quadrantes da região e do país.

Durante vários meses, foram inúmeras as solicitações feitas ao Museu Goeldi sobre a citada planta: pedidos de muda, de dados sobre suas propriedades terapêuticas, de ajuda a aidéticos etc. Foi, também, dado ensejo a que casas de venda de ervas em Belém passassem a comercializar a planta, uma vez que começou a haver considerável procura da mesma. A própria reportagem foi utilizada como meio de propaganda pelos proprietários desses pontos de venda, sendo que eles mesmos atribuem ao jornal a grande demanda que houve durante um certo período.

Todavia, o uso no Pará é esparso e não possui a consistência tradicional que se verifica no Vale do Rio Negro. Pode-se atribuir a este fato a progressiva queda da demanda comercial da planta em Belém, que atualmente é bastante diminuta, ao contrário do que se observa no rio Negro, onde a tradição vem não apenas mantendo-se, mas mesmo atualizando-se.

Fitoquímica e farmacologia

Atualmente, vêm-se desenvolvendo estudos farmacológicos e fitoquímicos da saracura-mirá, cujo principal objetivo tem sido verificar a real eficácia do remédio caseiro produzido a partir de



suas raízes e caule. No Laboratório de Química da Universidade Federal do Pará, os estudos em andamento estão direcionados tanto para o isolamento e a caracterização estrutural de seus principais constituintes químicos, como para a identificação das substâncias responsáveis pela atividade biológica. Nessa abordagem, verificou-se ser uma planta rica em **saponinas**- responsáveis pela formação de espuma- de onde o nome, *cerveja-de-índio*; tendo apresentado ainda **lapachol**, substância que, conforme a Dra. Mara Silvia Pinheiro Arruda (comunicação pessoal), poderia ser responsável por uma possível atividade anti-tumoral da planta. De fato, segundo Duke (1992), além de ser antimalárica, antiinflamatória, bactericida, fungicida, essa substância é um reconhecido antitumoral e anticarcinômico.

Segundo Carvalho (1997), os resultados dos testes realizados com seu extrato bruto e suas frações semipurificadas justificam o uso popular de saracura-mirá como preventivo da malária, porém, na fase inicial do desenvolvimento do parasita.

Não há, entretanto, qualquer estudo direcionado à ação estimulante, energética. É notório que os estudos fitoquímicos e farmacológicos presentes ainda são inconclusivos e que outros mais serão, certamente, necessários para que se esclareça melhor o poder dessa planta.

Fatores intervenientes nos processos de cura

Pretende-se contextualizar aqui os fatores simbólicos embutidos nos procedimentos de utilização da planta. Nas comunidades existentes na calha do rio Negro, quer nas sedes municipais, quer nos pequenos povoados, em que pese a presença dos serviços de saúde convencionais (sobretudo nas cidades), há uma marcante atuação das medicinas tradicionais, ancoradas nas tradições xamanísticas indígenas e caboclas e representadas, sobretudo, pelos rezadores e pajés e pela utilização dos recursos naturais, especialmente as plantas medicinais. O uso da mistura da saracura-mirá está inserido neste

contexto cultural. Destacaremos, a seguir, alguns fatores que foram apreendidos.

Mito e o rito

O mito vem como forma explicativa da própria essência humana, indo mais além da criação primordial. O mito nos remete a uma realidade inicial fundadora, esteja ela num contexto micro ou macro. O mito vem para conduzir e permear a vida nas sociedades; ele controla as atividades morais e sociais de um povo. Quando se ouve alguém dizer "*desde os tempos antigos*", "*desde os tempos que eu me entendi*", há uma volta ao passado, há uma alusão ao mito, a uma "*realidade viva*" – não a uma natureza de ficção – que se crê ter acontecido em tempos recuados, e continua a influenciar o mundo e os destinos humanos (MALINOWSKY, 1984).

Todo ritual encena a recriação dos arquétipos mitológicos. O ritual é observado no cotidiano, o ritual faz parte do presente, o ritual é ação. Assim, as populações do rio Negro acreditam estar repetindo o que seus antepassados faziam, o que lhes deixaram como herança, e a ação de referir, de fazer o que "*meus pais fizeram*" caracteriza-se como ação ritual.

A planta saracura-mirá, como parte integrante do patrimônio tanto cultural (simbólico) quanto natural, passa a ter um significado ainda hoje reconhecido (compartilhado) em todo o Vale do Rio Negro, que perdura e perpetua pela alusão constante aos tempos antigos. É nesse retorno que o poder simbólico é manifesto, onde a "eficácia simbólica", aludida por Levi-Strauss (1976), é atuante, essencial ao processo de cura.

Forma

A planta, inicialmente, tem forma de um pequeno arbusto, transformado-se com o seu crescimento em cipó, que se espalha agarrado a algumas árvores, alcançando certas alturas. O caule arrancado apresenta raízes de dois tipos: *macho*, quando tem forma retilínea, e *fêmea*, quando se bifurca. Na maioria dos



lugares, seu uso dá-se para homens e mulheres de acordo com a respectiva forma da raiz: homens só tomam da raiz macho e mulheres, da raiz fêmea. Porém, em alguns lugares do baixo rio Negro encontramos casos que não seguem essa regra. É sugestiva a analogia da sexualidade, simbolizada pelas duas formas das raízes da planta.

Por outro lado, a cor amarelada e forma espumosa da mistura, lembrando a cerveja, dá um caráter lúdico à ingestão da mesma, com o gosto amargo inicial e adocicado posterior, fato esse sempre comentado pelos usuários.

Tempo

Assim como nas tradicionais milenares horas canônicas da Igreja (*Laudes*: ofício da manhã; *Vesperas*; ofício da tarde; *Completas*: oração antes de deitar) que formam a "*liturgia das horas*", os rezadores e as práticas terapêuticas com recursos naturais também seguem horários, cuja temporalidade nem sempre é balizada de forma mecânica, mas obedecendo, muitas vezes, até mesmo aos ciclos da natureza, ou mesmo podendo-se fazer uma analogia com as formas alopáticas de se tomar medicamentos com intervalos de horas prescritos pelos médicos.

Tanto para a coleta das plantas (ou de outros recursos), como para a administração de remédios, há horários próprios e rituais específicos associados. A existência de uma temporalidade vem sendo comprovada pelos avanços da *cronobiologia* que permite, através de uma leitura mais atenta das diferenças observadas nos seres vivos, em função dos ciclos temporais, o desenvolvimento, entre outras coisas, de padrões rítmicos de administração de medicamentos: a **cronoterapêutica**.

A coleta, preparação e ingestão da mistura da planta aqui em foco, embora não esteja enquadrada na obediência de horários rígidos, encontra-se dentro de uma certa temporalidade. Assim, antes de um trabalho pesado ou até mesmo de tarefas do cotidiano, indica-se o uso

da mistura, bem como após longas caminhadas. Por outro lado, é comum os rezadores da Região do Rio Negro realizarem seus trabalhos de cura (rezas) obedecendo a horários de meio-dia e do crepúsculo.

A saracura-mirá está incorporada como planta sagrada de cura na seita do Santo Daime, na Vila Céu do Mapiá, rio Purus (próximo à Boca do Acre). Nesse contexto, sua coleta, preparação e seu uso são realizados dentro de determinados procedimentos ritualísticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho apresentou alguns resultados preliminares sobre as Medicinas Tradicionais e Etnofarmacologia no Vale do Rio Negro- AM, em decorrência do desenvolvimento dos projetos de pesquisa referidos no texto.

Os levantamentos feitos durante a expedição "Revisitando a Amazônia de Carlos Chagas", nos quatro municípios do Vale do Rio Negro, evidenciam mais uma vez a importância dos recursos naturais (em especial as plantas) e os procedimentos terapêuticos tradicionais, com a presença do xamanismo, herbalismo, culto dos santos e, em especial, os rezadores.

Na medida do possível, aprofundamos uma análise mais abrangente a respeito da planta saracura-mirá (*Ampelozizyphus amazonicus* Ducke) levando em conta não apenas sua constituição química e sua atividade farmacológica, como o seu contexto simbólico, unindo mito, xamanismo e planta, verificando-se, assim, a "eficácia simbólica", como propriedade indutora que melhor enseja e harmoniza o uso desse recurso natural.

O enfrentamento entre as medicinas tradicionais e a ocidental demonstrou que não se trata, no caso, de um antagonismo e sim de uma complementariedade, fato esse corroborado, sobretudo, pelo amplo uso da fitoterapia local e a constante atualização das tradições.



Finalmente, queremos ressaltar a significativa contribuição desse esforço transdisciplinar, quer no trabalho de campo pelos pesquisadores envolvidos, quer nesta elaboração por seus autores, quer nas várias colaborações recebidas. A transdisciplinaridade ilumina e amplia nosso olhar sobre a realidade, emprestando maior significado e visibilidade à mesma.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos as contribuições recebidas dos seguintes profissionais: Antônio Sérgio da Silva (Botânico); Vanja da Cunha Bezerra (Professora de Sociologia Médica e Metodologia Científica); Ideo Takei (Médico- Antropólogo); Mara Sílvia Pinheiro Arruda (Pesquisadora em Química Orgânica); Maria do Carmo Tavares Brito (Coordenadora do Grupo "Bruxinhas de Deus"); Isumi Noguchi (Estudante de Medicina/ex-bolsista CNPq). Agradecemos, ainda, a colaboração dos pesquisadores participantes da Expedição "Revisitando a Amazônia de Carlos Chagas" (Fiocruz, 1995) e aos participantes da expedição pelos rios Negro e Branco (1995): FIOCRUZ: Eduardo V. Thielen, Fernando S. D. dos Santos, Flávio R. de Souza, Luis C. Bonella, Ziadir F. Coutinho, Muriel Saragoussi, Luciano M. de Toledo, Elizabeth M. dos Santos. Inst. Medicina Tropical (Manaus): Nelson F. Fé, Flor Martinez, Simone L. Andrade. Unive. do Amazonas: Sérgio I. G. Braga, Auxiliomar S. Ugarte, Francisco J. dos Santos, Fernando Abreu. INPA: José Alberto N. de Mello. Museu Paraense Emílio Goeldi: Antônio Maria S. Santos. Jornal do Brasil: Rogério Reis, Alexandre Medeiros.

REFERÊNCIAS

AKERELE, O. 1991. Medicinal Plants: Policies and Priorities. In: AKERELE, O.; HEYWOOD, V.; SINGE, H. (Eds.). **The Conservation of Medicinal Plants**. Chiang Mai: Cambridge University Press. p. 3-11.

BERG, Maria Elisabeth van den. 1993. **Plantas Medicinais na Amazônia: contribuição ao seu conhecimento sistemático**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. 206 p.

BUCHILLET, Dominique. 1991. A Antropologia da Doença e os Sistemas Oficiais de Saúde. In: **Medicinas Tradicionais e Medicina Ocidental na Amazônia**. Belém: CEJUP.

BUCHILLET, Dominique. 1994. Epidémies et Médecines Traditionnelles em Amazonie Brésilienne. **Orstom Actualités**.

CARVALHO, Luzia Helena et al. 1997. Plantas Brasileiras: alternativas no tratamento da Malária. **Ciência Hoje**, v. 2, n. 127, p. 62-68.

COELHO-FERREIRA, Márlia R. 1992. Les Plantes Médicinales à Manaus: utilisation et commercialisation. In: DESU de Biologie Végétale Tropicale. Paris: Université Paris 6. p. 60.

DULTRA, Manoel. Saracura- Mirá a Planta Eficaz Belém 21/11/93. **Jornal O Liberal**.

DUKE, James. 1992. **A Handbook of Biologically Active Phytochemicals and Their Activities**. CRC Press, Inc.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. 1996. **Revisitando a Amazônia: expedição aos Rios Negro e Branco refaz o percurso de Carlos Chagas em 1913**. [S.l.:s.n.].

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. 1991. **Science heading for the backwoods: images of the expeditions conducted by the Oswaldo Cruz Institute scientists to the Brazilian hinterland-1911/1913**. Rio de Janeiro: Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz.

GALVÃO, Eduardo. 1960. Áreas Culturais Indígenas do Brasil: 1990-1959. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, Ser. Ant.**, Belém, n. 8.

MALINOWSKI, B. 1984. **Magia, Ciência e Religião**. Lisboa: Edições 70.

PONTES, Cícero. 1993. **Manual de Sobrevivência na Selva**. Rio de Janeiro: IBGE.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. 1995. **Projeto Revisitando a Amazônia de Carlos Chagas: da Borracha a Biodiversidade**. Rio de Janeiro: [s.n.].

PROJETO Xamanismo e Concepção da Natureza na Amazônia Ocidental National Museum of Ethnology (Japão). 1994. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi.

SOUZA BRITO, Alba R.M.; SOUZA BRITO, Antonio A. 1993. Forty years of Brazilian medicinal plant research. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 39, p. 53-57.

SOUZA SANTOS, Antônio Maria. 1984. **Etnia e Urbanização no Alto Rio Negro, AM**. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

LEVI-STRAUSS, C. 1976. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. Tradução e coordenação de Maria do Carmo Pandolfo, v. 2.

TURNER, Victor. 1974. **O Processo Ritual: estrutura e Anti-estrutura**. Petrópolis: Vozes. Tradução de Nancy Campi de Castro.

Recebido: 01/08/2002
Aprovado: 02/06/2003

